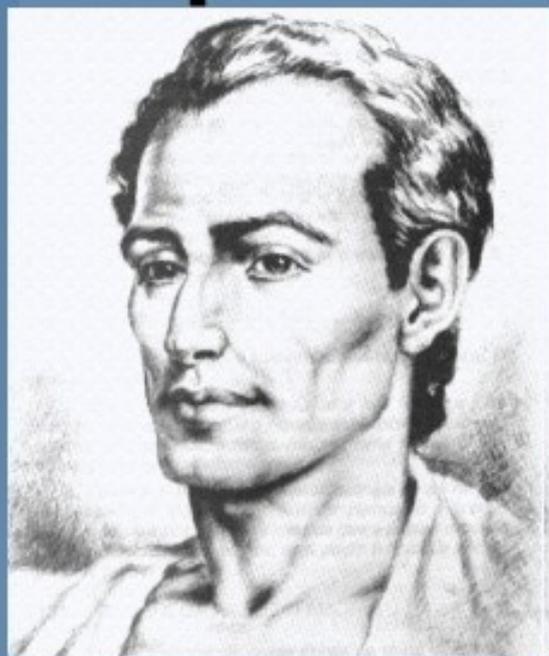


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXI – Justiça e amor

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXI – Justiça e amor	O Consolador	04
Complementos		
Justiça Divina: alívio para as dores, Estímulo para o acerto	O Consolador	06.
A reencarnação é uma lei de amor	O Consolador	09
Acerca da justiça e fraternidade	O Consolador	11

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Justiça e amor Reunião pública 09 / 10 / 1959 Questão 876

Sempre que te reportes à justiça, repara que Deus a fez assistida pelo amor, a fim de que os caídos não sejam aniquilados.

Terás contigo a lógica indicando-te os males e o entendimento inspirando-te o necessário socorro aos que lhes sofrem o assédio.

Onde passes, compadece-te dos vencidos que contemples à margem...

Muitos pranteiam as ilusões que lhes trouxeram arrependimento e remorso e muitos se levantam ainda sobre os próprios enganos, à maneira de trapezistas inconscientes, ensaiando o último salto ao precipício da morte.

Dir-te-ão alguns não precisarem de teu consolo, fugindo-te à presença, com receio da verdade que te brilha na boca, e outros, que descreeram do poder renovador do trabalho, preferem rolar no vício, descendo, mais cedo, os degraus do sepulcro.

Além deles, porém, surgem outros... Os que desanimaram em plena luta, recolhendo-se ao frio da retaguarda, os que enlouqueceram de sofrimento, os que perderam a fé por falta de vigilância, os que se transviaram a míngua de reconforto e os que se abeiraram do suicídio, tomados pelo superlativo do desespero.

Tentando dar-lhes remédio, ergue o mundo penitenciárias e hospitais, reformatórios e manicômios; no entanto, para ajudá-los, confere-te o Cristo a flama do amor no santuário do coração.

Todos esses padecentes da estrada têm algo para ensinar. Os que tombam esmagados de aflição induzem-te ao serviço pelo mundo melhor, e os que se arrojam a monstruosos delitos falam, sem palavras, em louvor do equilíbrio de que dispões, auxiliando-te a preservá-lo.

Não permitas que a justiça de tua alma caminhe sem amor, para que se não converta em garra de violência.

Ao pé dos maiores celerados da Terra, Deus colocou mães que amam, embora esses filhos desditosos de sua bênção lhes transformem a vida em fonte de lágrimas.

Diante, pois, dos vencidos de todas as condições e de todas as procedências, não mostres desprezo, nem grites anátema.

Não lhes conheces a história desde o princípio e não percebes, agora, a causa invisível da dor que os, degrada.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Ora e auxilia em silêncio, porque não sabes se amanhã raiará teu instante de abatimento e de angústia, e manda a regra divina façamos aos outros aquilo que desejamos nos seja feito.

Justiça sem amor é como terra sem água.

Recorda que o próprio Cristo, reconhecendo que os vencedores do mundo habitualmente se inclinam à vaidade — perigosa armadilha para quedas maiores —, preferiu nascer na palha dos que vagueiam sem rumo, viver na dificuldade dos menos felizes e morrer na cruz reservada às vítimas do crime e aos filhos da escravidão.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Justiça Divina: alívio para as dores, estímulo para o acerto.

“Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras”. Evangelho de Mateus, 16.27.

“E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra”. Apocalipse 22.12.

Muitas pessoas rebelam-se em face das dores que as assaltam quotidianamente. Chegam, algumas vezes, a proferir autênticas blasfêmias, acusando Deus de ser injusto e mau Pai, por “deixar que sofram tanto”.

Sem embargo do erro de perspectiva em que se encontram os indivíduos que assim se comportam, não se deve julgá-los.

Deveras o sofrimento de muitos é sincero, as dores são latejantes, o que os leva algumas vezes a atitudes infelizes, com consequentes futuros infelizes.

Os conhecedores da Doutrina Espírita têm, neste ponto, vantagem de panorama sobre os demais, pois sabem da Justiça Divina, em sua forma mais sublime que se possa expressar.

Os Iluminados Espíritos afirmaram a Allan Kardec ser Deus “soberanamente justo e bom”. Significa dizer que o Pai e Criador é suprema e absolutamente, sem restrições e sem neutralização de qualquer gênero, justo e bom.

“Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.” (1) Assim, os atributos de justiça e bondade, nos aspectos divinos da criação, além de serem em seu infinito grau de perfeição, andam sempre juntos.

Não é possível conceber Deus apenas justo, nem somente bom.

Ou se terá um ser (em minúscula, pois não será Deus) aplicador de sanções retributivas do mal pelo mal, ou será um ente demasiado permissivo, protetor de erros e acertos igualmente, sem mérito para os que acertam e sem responsabilidade para os que erram.

Dado que devem ser, necessariamente, conexas às qualidades de justiça e bondade de Deus, algo existe que seja efeito dessa união.

Equívocos e concertos devem produzir resultados diversos nos caminhos do Espírito. E assim se dá, embora a destinação de todos seja a mesma, ao final.

Cabe, inicialmente, a exemplo da parábola dos lavradores maus, contada por Jesus, dizer que a “sebe” já existe.

A cerca para nossas ações foi posta por Deus desde os tempos que ainda não nos é dado conhecer: Suas leis benditas foram, são e serão as mesmas, e é nisso em que consiste o “milagre”, conforme Kardec deixa explícito em A Gênese.

A Lei Natural ou Divina (O Livro dos Espíritos, Parte Terceira), gravada na consciência de cada Espírito, é a diretriz do Direito Divino para o comportamento que leva à perfeição relativa. Andar ou não de acordo com as Leis de Deus, algumas delas catalogadas na Parte Terceira de O Livro dos Espíritos (2), é o que provoca as dores ou os gozos atuais e futuros do ser.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Têm-se, então, duas das palavras-chaves no estudo da Justiça Divina: Lei e livre-arbítrio. A primeira, como manifestação da perfeição de Deus, cuja origem é o amor, de onde tudo vem e para onde tudo se encaminha.

As Leis Divinas conformam irrepreensivelmente todas as relações entre os elementos do Universo. Harmonizar-se ou se desconcertar delas é o que determina a evolução do Espírito ou a repetição das experiências.

Aí se encontra a segunda, livre-arbítrio, pelo que todo indivíduo, a partir de seus conhecimentos vivenciais, pode escolher as atitudes que desejar sabedor de que cada opção provoca uma consequência e requer à responsabilidade que dela advém (3).

Feita a escolha entre a “porta estreita”, que é a concordância com a Lei, e a “porta larga”, desviante do caminho da evolução, cabe ao Espírito receber a consequência de seus atos. Emanada, assim, a terceira palavra-chave, que, embora sendo também Lei, é destacada pela relevância no assunto em estudo: Lei de causa e efeito.

Neste ponto, se Deus fosse apenas justo, condenaria aqueles que preferiram a segunda porta e exaltaria os outros, optantes pela porta da liberdade e salvação.

Entretanto, como visto o Pai não é somente justo, senão justo e bom.

Aí está o alívio para as dores e para os sofrimentos; e, também, a quarta e última palavra-chave da Justiça Divina adotada para o estudo: reencarnação (4).

Reencarnação como oportunidade! Oportunidade de refazer o caminho; ensejo para adequar os passos à estrada que conduz a Deus.

A reencarnação é a demonstração mais clara dos atributos de Deus aqui tratados: Justiça e Bondade.

Somente através das novas oportunidades de acerto para os que erram e da evolução para aqueles que bem se conduzem é que se pode afirmar ser infinita, soberana e perfeita a Justiça Divina. Se antes o comportamento não era consentâneo às prescrições divinas, hoje – o momento ideal – existe a nova ocasião de se conduzir de acordo com a Lei.

Porventura já andava em conformidade com a Lei, hoje é nova oportunidade para permanecer nela e engrandecer o conhecimento e a emoção.

As dores e os sofrimentos, inicialmente mencionados, podem existir, e existem, pois que consequências do nosso mau proceder no passado.

Esqueça! O passado não é mais do que um quadro para dele retirar experiência a fim de atingir o crescimento. Importa, agora, agir no bem sem cessar, “tendo antes de tudo ardente amor uns para com os outros, porque o amor cobre uma multidão de pecados” (5).

Assim, passando pelas dores atuais, sendo “bem-aventurados aflitos” (6), e praticando o amor como Jesus nos ensinou e nos incitou, amando-nos uns aos outros como Ele nos amou, teremos a felicidade daqueles que escolhem a porta estreita: evolução, proximidade dos planos celestes da criação.

Jamais foi pretensão esgotar um assunto tão belo e tão consolador. São linhas de alguma meditação e muita emoção, ao pensar em como Deus, Pai excelso e amantíssimo, trata igualmente Seus filhos, oportunizando a todos a vida plena de felicidade, aos que acertam e aos que erram.

Por isso acerta Allan Kardec ao afirmar que “se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, ao contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça” (7).

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Arísio Antônio Fonseca Junior, Justiça Divina: alívio para as dores, estímulo para o acerto.

– O Consolador – Nº 67 – 03/08/2008

Referências:

(1). **Kardec Allan**, **O Livro dos Espíritos**, (questão 13).

(2). **Kardec Allan**, **O Livro dos Espíritos**, (São as Leis Morais arroladas na Parte Terceiro do Livro em referência: Lei de Adoração, Lei do Trabalho, Lei de Reprodução, Lei de Conservação, Lei de Destruição, Lei de Sociedade, Lei do Progresso, Lei de Igualdade, Lei de Liberdade e Lei de Justiça, Amor e Caridade.).

(3). **Kardec Allan**, **O Livro dos Espíritos**, (Proveitosa para o entendimento da Justiça Divina a leitura da questão 964, do Livro em referência, tanto a resposta dos Espíritos, quanto o comentário pertinente feito por Allan **Kardec** à pergunta e à resposta.).

(4). **Kardec Allan**, **O Livro dos Espíritos**, (Interessantes os esclarecimentos do Espírito S. Luís a esse respeito, no item 25, do capítulo IV, “Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo”, do Livro em referência.).

(5). **1ª Carta de Pedro 4.8.**

(6). **Kardec Allan**, **O Evangelho segundo o Espiritismo**, (cap. V, item 18), “Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso.

(7). **Kardec Allan**, **O Evangelho segundo o Espiritismo**, (cap. XVI, “Não se pode servir a Deus e a mamom, item 8”).

A reencarnação é uma lei de amor

Quando Jesus afirmou a Nicodemos ser preciso nascer de novo, Ele nada mais fez do que confirmar uma lei divina, e também mostrar aos homens que Deus, sendo Pai de Amor e Justiça, não poderia condenar seus filhos pelas faltas cometidas sem lhes dar oportunidade de reparação, uma vez que todos nós fomos criados simples e imperfeitos.

Concedeu-nos o livre-arbítrio e através da liberdade somos livres para escolher o que melhor desejamos para a nossa felicidade. Ora, quem tem liberdade de escolha, tanto pode acertar, como errar. Não há, por essa razão, qualquer punição, por parte de Deus, pelas nossas escolhas, pois, afinal, Ele nos concedeu o livre-arbítrio. Segundo a ótica espírita, as escolhas não acarretam punição, mas aquisição de experiências e conhecimentos.

A Equipe de Redação do Momento Espírita, com base em palestra proferida por José Raul Teixeira, na cidade de Cascavel-PR, no dia 14/09/01, elaborou o texto que transcrevemos, uma vez que demonstra de forma lógica a justiça da Reencarnação.

“As leis divinas são perfeitas em seus objetivos de nos fazer gravitar para Deus”.

“Cada existência no corpo físico é oportunidade bendita de aprendizado e crescimento”. Na escola, chamada Terra, estagiamos em todos os continentes, dentro do seio das várias raças, experimentando os mais variados costumes sociais.

“Quando nascemos em um lar brasileiro, aprendemos as lições de vida que o Brasil nos propicia”. Temos a liberdade religiosa, liberdade de expressão, liberdade no vestir, na escolha da profissão.

“Aprendemos a ser solidários, a ser um povo gentil, alegre, vivendo num país banhado pelo oceano e ensolarado quase o ano inteiro”.

“Numa outra encarnação, as leis divinas nos conduzem a outro país, para que aprendamos novas lições”. E aí nascemos em algum país da Europa onde o sol se esconde boa parte do ano. Teremos que conviver com o frio intenso e com os dias cinzentos por vários meses; aprendemos a cultivar outros valores, outras maneiras de viver, outro jeito de ser. E as leis nos direcionam a um país árabe. Aprenderemos a conviver com uma cultura bem diferente; com a pouca liberdade da mulher, com a rigidez na educação dos filhos; com as várias restrições e costumes característicos.

“Depois iremos, estagiar no Japão, na Índia, na África, e aprenderemos a amar outras tantas pátrias, outras tantas raças, outros tantos irmãos em humanidade”. Desenvolveremos nossa capacidade de amar num lar norte-americano, num lar soviético, numa família iraquiana, num lar australiano... Passaremos por momentos de dor e alegria e abriremos em nossos corações um espaço para o amor que abrange todos os povos...

“É por essa razão que muitos alemães sentem grande afeto pelo Brasil, pelo povo brasileiro”. É por essa razão que muitos árabes e japoneses nutrem amor por nossa pátria.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Não é por outro motivo que muitos brasileiros guardam especial carinho pelo povo africano, alemão, soviético, e por outros tantos povos.

“É assim que vamos estendendo nossos laços de afeto pela humanidade inteira”. É assim que, quando alguma tragédia acontece num desses países em que já vivemos, nós sentimos como se fosse como nosso próprio país. Quando vemos as guerras cruéis infelicitando os povos distantes, nossos corações se entristecem como se fosse com nosso próprio povo.

“Dessa forma, estagiando ora aqui, ora ali, vamos aprendendo todas as lições e retendo o que há de melhor para nossa evolução, como Espíritos imortais que somos”.

“Chegará o dia em que nosso amor abrangerá a humanidade inteira, independente de raça, de posição social ou de religião”. E nesse dia não haverá mais guerras, nem disputas, e a verdadeira fraternidade será uma realidade entre todos os povos.

“Não haverá mais a subjugação do mais fraco pelo mais forte, e todas as nações serão solidárias”. É assim que Deus governa os mundos. E a reencarnação é a prova do amor divino pelos Seus filhos, conduzidos ao palco da Terra, tantas vezes quantas sejam necessárias. É assim que, estagiando no seio de todos os povos, aprenderemos a amar, sem distinção, a raça humana.

“Nessa imensa escola chamada Terra, há alunos em diferentes estágios de aprendizado. Alguns já aprenderam as lições básicas do respeito à vida e ao semelhante. Outros ainda estão por aprender o b a bá da fraternidade. Mas muitos já estão ensinando, através do próprio exemplo, o amor incondicional que um dia será a tônica desta pequena escola clamada Terra.”

Bela e instrutiva página para refletirmos!

Édo Mariani, A reencarnação é uma lei de amor – O Consolador – Nº 231 – 16/10/2011.

Acerca da justiça e fraternidade

Assim como não se pode construir uma casa sem alicerçá-la, tampouco se poderá construir a justiça sem uma base fraternal, fundamentada no ato de se desejar ao próximo o que desejamos para nós, isto é, a caridade no mais alto grau segundo o nosso amado Mestre Jesus (1). O mais legítimo dos sacrifícios, o verdadeiro trabalho, o maior louvor a Deus consiste no esforço para se ser justo; portanto, a maior de todas as glórias, de todas as graduações deste mundo é a virtude da justiça!

Há quem ache a caridade mais importante que a justiça... Sim... Porém... Convenhamos! A caridade é o templo do qual só a justiça pode ser a base. O sociólogo John Ruskin (1819/1900) (2) disse com força e serenidade que é preciso se edificar sobre a justiça pelo fato de, geralmente, não se possuir, no começo, a idéia da caridade necessária à construção. "Esta é a última recompensa do bom trabalho", afirmou. Completou Ruskin, recomendando: "Sede justos para com vossos irmãos (podeis ser justos, ameis a eles ou não) e concluireis por amá-los; sede injustos para com eles, porque não os ameis, e acabareis por odiá-los".

Em princípio, justiça significa a virtude de se dar a cada um o que é seu, o meio pelo qual podemos agir conforme o direito, mas, também, sobretudo, conforme a fraternidade, resultante do amor ao próximo. Somente justiça e fraternidade serão capazes de levar a cabo a tão sonhada paz social, ambas um dever que não permite sentido diverso ou análogo, o que tanto interessa a homens e mulheres de bem de todo o planeta.

Esse duplo dever figura um preceito para conosco mesmo e para com os outros. Tal encargo consiste no que há de mais básico e seguro, o que diz respeito à união e convivência dos seres humanos como membros de uma imensa família, resumo do ato de julgar segundo o direito e melhor consciência em defesa e responsabilidade.

Em geral, às paixões se mistura o julgamento, alterando o sentido de justiça (3). Justiça, exatamente falando, é feita com concórdia, reiteramos, e ninguém, nenhum chefe de qualquer nação conseguirá garantir ausência de guerras, de toda sorte de distúrbio social, de atentados contra pessoas, instituições, a pretexto de "liberdade" sob justificativas arbitrárias e unilaterais.

A idéia de justiça que nos determina a dar a cada um o que lhe pertence deveria predominar acima de quaisquer controvérsias. A justiça constitui-se em um desses axiomas que transcendem. Pois bem. Não há como estabelecer ordem sem a exemplificação do reparo e honradez, não existe estrutura organizada capaz de garantir as esferas específicas da vida social como as instituições básicas, suas atividades e correspondências que vigoram entre si.

O julgamento da maneira mais íntegra possível seria o determinante de todas as ações humanas. Tudo, em nossa sociedade, teria que começar pela justiça como um sagrado dever recíproco de todo indivíduo, porque direitos e deveres possuem correlação entre si — ao se cumprir estes últimos, possivelmente os primeiros não de ser cumpridos.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXI)

Reinará, sim, a fraternidade na Terra, não, a fraternidade de momento que, por ora, vige, geralmente, visando algum tipo de interesse, mas a que conduz ao vínculo sincero (4). Presumir que isso é impossível é duvidar da sabedoria e benevolência de Deus, ainda que n'Ele se acredite. Há, portanto, perfeita correlação entre justiça e fraternidade, esta outra tarefa do homem para com seus semelhantes, que jamais será um direito formal, uma obrigação prescrita.

A verdadeira justiça fundamenta-se no critério de se querer para os outros aquilo que se quer para si mesmo. E não há como se ser justo sem um sentimento fraterno. Justiça e Fraternidade: muitas vezes, uma lei rígida, mas “suave”. Remetendo-nos à esplêndida menção de nosso Mestre ao nos oferecer o Seu "jugo" (5), essa lei tão-somente nos recomenda a observância do amor ao próximo por amor a Deus. E ponto final.

Davilson Silva, Acerca da justiça e fraternidade – O Consolador – Nº 58 – 01/06/2008.

Bibliografia:

(1). **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 15, itens 4 a 6.).

(2). Também crítico e ensaísta, o mencionado sociólogo inglês, cujo amor pela natureza e o profundo sentimento religioso caracterizaram o seu pensamento em um estilo vigoroso e elegante, autor de Pintores Modernos, As Sete Lâmpadas da Arquitetura, As Pedras de Veneza, etc.

(3). **Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (cap. 11, questão 874.).

(4). **Kardec Allan**, Obras Póstumas, (parte 1ª, pág. 168, do terceiro parágrafo em diante.).

(5). **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 6.º, it. 1 e 2.).